

**AVALIAÇÃO FORMATIVA NO COTIDIANO ESCOLAR – UMA  
FERRAMENTA PEDAGÓGICA A FAVOR DO CONHECIMENTO**

**LEARNING ASSESSMENT IN SCHOOL EDUCATION - A PEDAGOGICAL TOOL FOR  
KNOWLEDGE**

---

**Maria Emilia Schultz Soares<sup>1</sup>**

1. Especialista em Arte e Educação pela ESECUB, Gestão Educacional Integrada pela FARESE e Tutoria EAD pela FAVENI. Professora FARESE.  
E-mail: [mariaemiliaschultzsoares@yahoo.com.br](mailto:mariaemiliaschultzsoares@yahoo.com.br)

Faculdade da Região Serrana - FARESE  
Rua Jequitibá, 121 – Centro  
Santa Maria de Jetibá – ES – Brasil – CEP 29645-000

---

# AVALIAÇÃO FORMATIVA NO COTIDIANO ESCOLAR – UMA FERRAMENTA PEDAGÓGICA A FAVOR DO CONHECIMENTO

## LEARNING ASSESSMENT IN SCHOOL EDUCATION - A PEDAGOGICAL TOOL FOR KNOWLEDGE

### RESUMO

A Avaliação da Aprendizagem constitui-se como reguladora e orientadora do processo de ensino aprendizagem. Ela tem características marcantes, e tem sido utilizada como parâmetro do desempenho escolar, para mensurar o conhecimento do aluno. A relevância deste tema constitui-se na reflexão da importância da Avaliação da Aprendizagem, como norteadora da prática pedagógica. Esta pesquisa objetivou comparar Avaliação Formativa e Avaliação Formal, apontando seus benefícios ao processo ensino aprendizagem e sua importância em sala de aula para responder: deve a Avaliação Formativa substituir a Avaliação Formal nas práticas educativas? Para tanto, foi utilizada a pesquisa bibliográfica, baseada em estudos de importantes autores e análise documental, na Legislação Educacional, e em documentos organizados pelo Ministério da Educação. A Avaliação Formal tem sido instrumento de classificação e exclusão do aluno, medindo-o por meio de notas, onde o trabalho do professor não é nem questionado. Não existe reflexão da prática pedagógica. A Avaliação Formativa é uma importante ferramenta pedagógica, pois é inerente à educação formadora integral do ser humano, é contínua, e acompanha o aluno e o professor durante todo o processo ensino e aprendizagem, exigindo constante ação-reflexão-ação. Deve se tornar aliada do professor, superando práticas arcaicas e rotuladoras.

**Palavras-chave:** avaliação; processo; aprendizagem.

### ABSTRACT

The Learning Assessment is a regulating and guiding tool of the teaching process. It has outstanding characteristics, and has been used as a parameter of school performance, to measure student knowledge. The relevance of this theme is reflected in the importance of Learning Assessment, as the guiding principle of pedagogical practice. This study aimed to compare Formative Assessment and Formal Evaluation, pointing out its benefits to the learning teaching process and its importance in the classroom to respond: should the Formative Assessment replace the Formal Evaluation in educational practices? For this, the bibliographic research was used, based on studies of important authors and documental analysis, in the Educational Legislation, and in documents organized by the Ministry of Education. The Formal Evaluation has been an instrument of classification and exclusion of the student, measuring it through grades, where the teacher's work is not questioned. There is no reflection on pedagogical practice. The Formative Assessment is an important pedagogical tool, since it is inherent in integral education of the human being, is continuous, and accompanies the student and teacher throughout the teaching and learning process, requiring constant action-reflection-action. Must become ally of the teacher, surpassing archaic and labeling practices.

**Keywords:** evaluation; process; learning.

## INTRODUÇÃO

O ato de avaliar é algo inerente ao ser humano. Em todos os momentos do cotidiano, a tomada de decisões se faz necessária, e ela acontece por meio de reflexões, julgamentos e ponderações, ou seja, é a avaliação, que direciona a escolha mais correta a ser feita, mesmo que ela aconteça de forma inconsciente. A avaliação direciona as mais diversas decisões: desde a escolha da roupa adequada para determinada ocasião, qual o curso superior cursar, ou até mesmo com quem casar.

No contexto educacional, a avaliação ou avaliação da aprendizagem é um instrumento poderoso para a prática pedagógica. Quando empregada da forma correta, rompe com práticas arcaicas, rotuladoras e punitivas e constitui-se como ferramenta reguladora e orientadora de todo o processo de ensino e aprendizagem.

A concepção de Avaliação interiorizada pela sociedade é a Avaliação Formal, que mede o desempenho do aluno através de notas e tem característica excludente. A Avaliação Formativa vem lançar novo olhar sobre o conceito de educação e está determinada por métodos como o monitoramento, a avaliação sumativa e a avaliação especializada.

A Avaliação Formativa possui duas funções que lhe são específicas: o diagnóstico e o monitoramento. Sua proposta vem para desmistificar a ideia de avaliação como forma de punição e classificação. Esta nova maneira de avaliar, torna-se uma importante ferramenta pedagógica em favor do conhecimento, lançando um novo olhar sobre o conceito de educação.

A avaliação da aprendizagem traz consigo características marcantes, e tem sido ao longo dos anos, utilizada como parâmetro de medida do desempenho escolar, buscando objetivos educacionais pré-determinados. Sua função tem sido representar quantitativamente, o conhecimento adquirido pelo aluno por meio de notas ou conceitos, apurando seu sucesso ou fracasso.

Ela tem se tornado um tema polêmico entre os educadores, criando divergência de opiniões com relação à sua definição e, principalmente, à sua forma metodológica. Mas, qual é o conceito de avaliação? Porque ela é tão necessária? Como utilizá-la de forma adequada? A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN (BRASIL, 2017), em seu artigo 24, V, estabelece alguns critérios para avaliação:

A verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:

- a) avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;
- b) possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar;
- c) possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado;
- d) aproveitamento de estudos concluídos com êxito;
- e) obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar (...). (BRASIL, 2017, p. 18.).

Esta reflexão foi um passo decisivo, em torno da Avaliação da aprendizagem, pois, abriu novos horizontes aos educadores, possibilitando uma mudança não somente em relação ao que diz respeito à Avaliação em si, mas em todas as suas práticas pedagógicas.

No entanto, essas mudanças ainda têm um longo caminho a percorrer para se concretizarem, pois apesar do que prevê a Lei, muitos sistemas de ensino ainda se valem dos aspectos quantitativos para apuração dos resultados dos alunos, ou seja, a aprovação ou reprovação, ainda está atrelada ao registro de notas. Contudo, as práticas pedagógicas e metodologias utilizadas em sala de aula pelo docente, podem e devem ser influenciadas por esse olhar sobre a avaliação, independente dos registros de notas.

Este trabalho objetiva traçar um comparativo entre a Avaliação Formativa e a Avaliação Formal ou Classificatória, esclarecer os benefícios que a Avaliação Formativa proporciona ao estudante, ao professor e ao processo ensino aprendizagem e a importância de sua utilização em sala de aula, de forma a responder a seguinte questão: deve a Avaliação Formativa substituir a Avaliação Formal nas práticas educativas?

A relevância deste tema constitui-se na reflexão da discussão sobre a importância da Avaliação da Aprendizagem no contexto educacional, por ser urgente e vital, já que a mesma pode e deve se tornar um norteador da prática pedagógica do professor. Ela é tão completa que não se limita somente ao aluno, mas abrange ainda, o trabalho do professor, possibilitando ao mesmo selecionar e organizar conteúdos significativos para seus alunos, direciona a reorganização de seu trabalho e práticas pedagógicas, seus conhecimentos, além de abranger a escola e seu funcionamento e organização em geral.

A avaliação da aprendizagem é um tipo de investigação e é, também, um processo de conscientização sobre a “cultura primeira” do educando, com suas potencialidades, seus limites, seus traços e seus ritmos específicos. Ao mesmo tempo, ela propicia ao educador a revisão de seus procedimentos e até mesmo o questionamento de sua própria maneira de analisar a ciência e encarar o mundo. Ocorre, neste caso, um processo de mútua educação. (ROMÃO, 2005, p. 101.).

A falta de debate sobre o tema, nas salas de aula, salas de professores, salas de planejamento nas escolas, pode levar à reprodução das velhas práticas avaliativas, e conseqüentemente, à reprodução das velhas práticas educacionais, ou seja, sem reflexão, as práticas pedagógicas tendem a tornarem-se um processo mecânico.

## **METODOLOGIA**

Para a construção deste trabalho foi utilizada a metodologia de pesquisa bibliográfica, com a finalidade de analisar o conceito de Avaliação Formativa, comparando-a com a Avaliação Formal ou Classificatória, bem como os seus benefícios em relação ao processo ensino aprendizagem e a necessidade de sua prática em sala de aula.

Para tanto, a pesquisa foi baseada em estudos de importantes autores como: Almerinda Janela Afonso, Telma Ferraz Leal, Pedro Demo, Andrea Tereza Brito Ferreira, Jussara Margareth de Paula Loch, José Eustáquio Romão, Celso dos Santos Vasconcellos, Lucíola P. Santos e Marlucy A. Paraíso, entre outros pesquisadores que produziram trabalhos relacionados ao assunto.

Em relação à pesquisa bibliográfica Gil (2002, p. 44) relata que: “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza [...]”

Foi realizada ainda, análise documental, na Legislação Educacional, mais especificamente, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, e em documentos norteadores organizados pelo Ministério da Educação, abordando questões fundamentais sobre a temática pesquisada.

## **DESENVOLVIMENTO**

A avaliação é uma ferramenta pedagógica que determina todo o direcionamento do trabalho educacional. É através dela que o educador pode direcionar suas práticas, de forma a atender seus alunos de acordo com as suas reais necessidades, além de orientar todo o trabalho e organização escolar. Envolve toda a equipe pedagógica, pais, professores, alunos e comunidade escolar.

A concepção de avaliação da aprendizagem, de uma forma geral, interiorizada pela sociedade, e pela grande maioria da comunidade escolar, através dos tempos, tem sido a concepção de avaliação punitiva, ou seja, a avaliação que mede o desempenho escolar, através de conceitos ou notas, resultando em sucesso ou fracasso escolar, aprovação ou reprovação escolar, uma avaliação que só mensura o saber do aluno. Por muitos anos realmente, foi esse modelo de avaliação que predominou nas escolas, subestimando talentos e rotulando de maneira inadequada alunos com grande potencial.

[...] as pesquisas sobre avaliação, que se multiplicaram nessa época, eram voltadas, na maioria das vezes, para uma concepção de ensino que resultava em um interesse exacerbado na nota, na seleção e exclusão, sem que houvesse uma reflexão que favorecesse mudanças e melhorias na prática pedagógica e na própria avaliação (FERREIRA E LEAL, 2007, p.13).

Neste contexto sócio educacional, a escola tem o papel de transmitir o saber escolar. A avaliação formal entra em cena como mecanismo de controle da permanência ou não do aluno na instituição escolar, desligada completamente de qualquer reflexão do processo ensino e aprendizagem, legitimando os processos de diferenciação, hierarquização e de controle social por meio da escola. Trata-se de um instrumento de controle, poder e seletividade, a serviço da reprodução da estrutura social estabelecida.

Em uma sociedade capitalista como o Brasil, os números determinam as pessoas com estratos sociais, cultura e educação. Há uma pressão por parte dos pais e da escola, para que os alunos sejam os melhores, em busca da empregabilidade, do sucesso financeiro e social. Haja visto, que essa cultura da avaliação evidencia a função de classificar, medir e quantificar os indivíduos (AVELINO, 2019, p.7).

A escola, quando apenas transmite o saber escolar, acaba por reproduzir estruturas sociais já existentes, onde o aluno não é percebido em sua individualidade e potencialidades, não se percebe como cidadão crítico e consciente de seus direitos e deveres, e que pode utilizar o conhecimento como forma de transformação de sua própria vida e realidade e da sociedade na qual está inserido.

Além disso, a Avaliação tem, historicamente falando, uma trajetória de exclusão do educando, conforme afirmam Leal, Albuquerque e Moraes: “Tradicionalmente, no entanto, as práticas de avaliação desenvolvidas na escola têm se constituído em práticas de exclusão: avalia-se para medir a aprendizagem dos estudantes e classificá-los em aptos ou não aptos a prosseguir os estudos” (LEAL, ABUQUERQUE e MORAIS, 2006, p.101).

Esse tipo de educação tornou-se um grave problema social, o fracasso escolar gerado pelos altos índices de evasão e repetência, antes enfocada como falha individual dos alunos, tem sido apontado como sério problema educacional no país. O fracasso que era antes apontado como do aluno, traz à tona toda a fragilidade das práticas pedagógicas utilizadas e configura-se como uma derrota de todo o sistema educacional.

Apesar de sentirem a necessidade de uma reformulação no processo de avaliação, muitos educadores ainda enfrentam as barreiras impostas pela sociedade e pelo sistema escolar, em que estão inseridos, pois a educação tradicional, e a avaliação classificatória, apesar de todos os avanços conquistados, ainda são a alavanca propulsora da grande maioria das escolas brasileiras.

[...] a avaliação no que tange à inclusão e democratização ainda está longe de acontecer efetivamente. Ainda há a presença marcante de provas como avaliação principal e muito solicitada pelos próprios pais, como forma de verificar o desempenho do aluno e do professor (CARMO e LIMA, 2019, p. 75).

Outra grande barreira é o pré-conceito em relação à avaliação inovadora que inunda as salas de professores, as reuniões de pais, e até mesmo as salas de aula. Muitas são as manifestações de descrédito, em relação às ações avaliativas inovadoras, em posições expressas por pais e professores, que muitas vezes, por desconhecerem as vantagens de tal avaliação, se recusam a abandonar as práticas tradicionais, ou seja, deixarem sua zona de conforto.

Este equívoco pode ser caracterizado como senso comum, pois é cientificamente comprovado que, o fracasso escolar é prejudicial à criança, principalmente à sua autoestima, pois a repetência de conteúdos já estudados e o não avanço em novos conteúdos desestimula o aluno, além de acarretar o abandono ou a exclusão. Além disso, a culpa pelo fracasso escolar do aluno, neste tipo de Avaliação, acaba sendo responsabilidade do próprio aluno, que não avança em seu processo de ensino aprendizagem.

Em uma perspectiva meramente classificatória de avaliação, é papel da escola “ensinar” e avaliar se os alunos conseguiram aprender. O baixo rendimento dos alunos leva necessariamente à reprovação escolar. Nesse sentido, o estudante é responsabilizado pela reprovação, seja porque ele não está “maduro” o suficiente, seja porque ele tem “problemas de aprendizagem”, seja porque ele “não estuda”. Na verdade, apenas ele é avaliado (FERREIRA E LEAL, 2007, p.16).

Tentando resolver essa problemática, grandes nomes como Paulo Freire e outros estudiosos, em vez de reproduzir a situação sócio educacional que já existia, buscaram inovar todo sistema de ensino, repensando as práticas pedagógicas, deixando no passado o “rotular” e fazendo surgir o “refletir”, pensando no indivíduo como um ser completo, mas inacabado, em constante construção.

De acordo com o modelo de escola de Paulo Freire, o conhecimento deve ser um processo de descoberta coletiva, mediatizada entre aluno e professor, o que viabiliza a transformação da avaliação punitiva, em avaliação como um momento de aprendizagem, tanto para o docente, ao refletir em seu próprio fazer docente, como para o discente, e sua visão de si mesmo, como agente de transformação e a escola, como mediadora e facilitadora deste processo. Conforme expressa Demo:

(...) o que fica da experiência da vida é o que se reconstrói com mão própria em contexto social, não o que se acumula de maneira reprodutiva; sobretudo, diante da velocidade com que o conhecimento se inova e também envelhece, é improdutivo pretender acumulá-lo, porque isso somente o faria envelhecer ainda mais rapidamente; sua energia mais forte está, por isso, no saber pensar para melhor intervir, num processo permanente de renovação. (DEMO, 2006, p.73).

A partir dessa nova visão sobre a educação, inovadora, transformadora e libertadora, surgiu a necessidade de repensar a avaliação, pois ambas são inerentes. Portanto, repensar avaliação é repensar educação. Mas como é a avaliação ideal? Qual seu real objetivo? Quais resultados ela alcança?

Uma avaliação que acompanha o desenvolvimento do aluno se faz necessária e emergencial, e surge como força motriz, no processo ensino e aprendizagem. Conforme Batista et al, 2007, essa avaliação é um processo contínuo:

A dimensão formativa ou continuada da avaliação tem uma função diagnóstica, processual, descritiva e qualitativa, capaz de indicar os níveis já consolidados pelo aluno, suas dificuldades ao longo do processo e as estratégias de intervenção necessárias a seus avanços. Envolve, portanto, sistemas mais abertos de avaliação, a serviço das orientações das aprendizagens dos alunos e não apenas do registro burocrático de seus resultados. (BATISTA et al, 2007, p. 7.).

Nessa visão, avaliar vai além de mera apuração de resultados, muito mais que registros burocráticos de notas, significa que o educador deve tornar-se ativo no processo de mediar o ensino-aprendizagem do aluno, considerando todo o conhecimento prévio do educando, seu contexto social, suas dificuldades e suas potencialidades, proporcionando que o mesmo seja construtor de seu próprio saber de maneira significativa. Essa proposta



de avaliação se apresenta ainda como uma forma eficaz para o educador refletir sobre sua própria prática docente. Ela é uma via de mão dupla.

A avaliação é eficaz quando possibilita ao educador, desempenhar este papel de mediador do conhecimento, pois é ela que direciona todo o trabalho docente. Esta avaliação constitui-se num desafio para as escolas e para os educadores, que além da necessidade de vencer as barreiras do tradicionalismo, precisam vencer seus próprios medos, sua própria insegurança ao utilizar esta nova metodologia de trabalho, já que ela põe em cheque o próprio saber docente, demonstrando que ensinar é aprender e aprender é ensinar.

De acordo com Leal, Albuquerque e Morais (2006), uma característica marcante da avaliação tradicional é a exclusão que lhe é inerente. Para evitar práticas excludentes, é preciso que o professor reconheça a necessidade de avaliar com diferentes finalidades:

- a) Conhecer os alunos, considerando as especificidades de cada faixa etária e o contexto social (fora da escola), em que o mesmo está inserido;
- b) Conhecer seu desempenho nos tempos e cotidiano da escola, identificando as maneiras como lidam para atender às demandas escolares e, assim, alterar, quando necessário, as condições nas quais é realizado o trabalho pedagógico;
- c) Conhecer, acompanhar e potencializar a sua identidade e o seu desenvolvimento;
- d) Identificar conhecimentos prévios dos alunos, utilizando-os como ponto de partida, assim como identificar os avanços e incentivar a continuação da construção do conhecimento e desenvolvendo capacidades e habilidades;
- e) Levá-los a reflexão de suas próprias dúvidas e concepções sobre o saber, identificando as dificuldades, e planejando formas e atividades para superá-las;
- f) Verificar se é necessário repetir o conteúdo, reconhecendo se as estratégias de ensino estão sendo suficientes e, modificá-las se necessário. (LEAL, ALBUQUERQUE e MORAIS, 2006, p.102)

Com o auxílio dos passos acima descritos, o professor terá condições de planejar suas ações avaliativas e pedagógicas, respeitando as particularidades de cada aluno, registrando seus progressos, fortalecendo suas potencialidades e detectando as dificuldades a serem superadas, além de traçar estratégias de trabalho em conjunto com sua turma.

## AÇÃO AVALIATIVA

Ação avaliativa é o conjunto de iniciativas e procedimentos utilizados para avaliar. Ela inclui todas as etapas do trabalho docente, podendo ter um perfil pedagógico ou burocrático, servindo ainda para orientar e regular a prática pedagógica, colocando-se a serviço das aprendizagens dos alunos, ou na forma tradicional de avaliar, serve à finalidade formal de registro, certificação e comunicação de resultados.

Conforme Batista et al (2007, p.07), as ações avaliativas estão classificadas em duas dimensões:

- a) A dimensão Técnica ou burocrática, que apresenta um caráter classificatório, somativo, controlador, com o objetivo de atendimento ao registro formal exigido pelo sistema, traduzidos em resultados quantitativos que determinam a promoção ou a reprovação dos alunos;
- b) A dimensão formativa ou continuada tem uma função diagnóstica, processual, descritiva e qualitativa, a partir de conhecimentos prévios do aluno, suas dificuldades e, estratégias de intervenção. Seu objetivo é orientar aprendizagem dos alunos e, não apenas o registro burocrático de seus resultados.

Esta classificação esclarece qual a dimensão em que as ações avaliativas devem ser alicerçadas para o desenvolvimento do aluno como um ser social completo, inacabado e em permanente construção, ou para a simples mensuração quantitativa dos conteúdos trabalhados em sala de aula. Segundo Vasconcelos (1993), “a reprovação representa a lógica da exclusão social no campo da educação; se a repetência fosse fator de aprendizagem não teríamos uma realidade de tantos alunos multirrepetentes”.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com o dicionário Aurélio, avaliar é determinar o valor; apreciar ou estimar o merecimento; fazer ideia de; supor; reconhecer a grandeza, a intensidade, a força (FERREIRA, 1999). É um processo complexo, com muitas possibilidades e limitações, regulado por valores que determinarão as concepções sobre o processo de ensino aprendizagem.

A Avaliação Formativa ou contínua está intimamente ligada à concepção de conhecimento e currículo como a construção histórica, singular e coletiva dos sujeitos. Constitui-se num processo permanente de ação-reflexão-ação.

(...) contínua, isto é, acontece durante o processo de aprendizagem dos alunos e não após, com a finalidade de proporcionar avanço conceitual, progressão, inclusão e reinclusão no sentido do autoconhecimento e autopromoção do sujeito. (LOCH, apud, ESTEBAN, 2004, p.133.).

A Avaliação Formativa, em contraste à Avaliação Formal, acontece durante todo o processo ensino aprendizagem, e não apenas no final do conteúdo trabalhado, ou trimestre letivo, onde acontece a avaliação quantitativa do que o aluno conseguiu assimilar, mensurando o mesmo como apto ou não apto, aprovado ou reprovado.

Ela parte do princípio do atendimento à diversidade, e deve reconhecer as diferentes trajetórias de vida dos alunos e, para isso, é preciso flexibilizar, contextualizar e recriar o currículo. É imprescindível que se domine o que é ensinado e identificar a relevância social e cognitiva do mesmo, para definir o que será avaliado. Há mudanças nas práticas avaliativas, portanto, é inerente às mudanças do ensino em todos os seus aspectos, já que proporcionam uma nova visão nas próprias práticas e de mundo.

Como processo contínuo, a Avaliação Formativa, está determinada por algumas etapas ou métodos, como o monitoramento, que significa acompanhar e intervir no processo de aprendizagem, para reorientar o ensino e resgatar o sucesso dos alunos, a avaliação sumativa e a avaliação especializada.

De acordo com Leal, Albuquerque e Morais (2006), o monitoramento caracteriza-se por um acompanhamento mais próximo, contínuo, processual, possibilitando a percepção de avanços e rupturas, consiste na criação de oportunidades de alterar o caminho determinado, propor outras formas de organização dos alunos, outras ações ou estratégias de ensino. Pode-se enfim, repensar as metas e objetivos de ensino e corrigir ações inadequadas.

É preciso não deixar o tempo passar, mas sim monitorar, continuamente, os progressos e as lacunas demonstrados pelos estudantes. Assim, poderemos ajustar a forma de ensinar, em lugar de esperar o fim do período para, já sem ter muito por fazer, constatar se as crianças e os adolescentes aprenderam ou não o que foi estabelecido. (LEAL, ALBUQUERQUE e MORAIS, 2006, p. 107).

O monitoramento, é uma ação preventiva e indica o que o professor deve fazer, para que o aluno retome a chance de aprender, antes que as avaliações burocráticas resultem em fracasso ou reprovação, ou antes, que se leve muito tempo para se descobrir que não houve a aprendizagem suposta ou esperada.

A avaliação Sumativa (de sumário) – é a globalização da Avaliação Formativa que acontece ao final do ano, para todos os alunos de uma determinada série (ou ciclo), e de uma série (ou ciclo) para outra, pois todos avançam ou progridem. Os modos ou tipos de progressão podem ser:

*Progressão Simples* - para os alunos que acompanharam o trabalho desenvolvido sem encontrar maiores dificuldades. Alunos que avançaram na aprendizagem.

*Progressão com plano didático de apoio* – para os alunos que ainda manifestam algumas dificuldades, que necessitam de uma intervenção mais individualizada. Este plano deve ser elaborado pelo coletivo de educadores a partir do dossiê dos alunos.

*Progressão sujeita a uma investigação especializada* – requerida pelos educadores para casos de alunos que necessitam de uma investigação mais aprofundada sobre as dificuldades e que extrapolam os limites da escola, apresentando necessidade de atendimento mais amplo. Realizada por todos os profissionais possíveis de contribuir para a organização do trabalho no ano seguinte: orientadora educacional, supervisora escolar, educadores e volantes do ciclo. Laboratórios de aprendizagem, coordenador cultural e recorrendo a outros profissionais como assistentes sociais, psicólogos, agentes de saúde, médios e outros em parceria com a SMS, Universidades, redes de atendimento. (LOCH, apud, ESTEBAN, 2004, P. 138)

A Avaliação Especializada pode ser realizada sempre que se fizer necessário ou será designada, quando for o caso no avanço de um ciclo para o outro. É destinada àqueles educandos que necessitam de apoio educativo especial, e muitas vezes individualizado.

Está nas mãos do professor e da escola proporcionar condições para que o aluno possa construir seu próprio conhecimento, para que ele possa se desenvolver como cidadão crítico e, consciente de seus direitos e deveres, ou seja, de seu papel na sociedade. Partindo deste princípio, a avaliação serve como instrumento direcionador para que o professor possa além de conhecer seus alunos e monitorar o aprender/ensinar, selecionar conteúdos, saberes, adequados à realidade de seus alunos, e ainda repensar em sua prática pedagógica e sua postura ante o conhecimento.

A escola dificilmente conseguirá propiciar situações para que eles aprendam tudo o que é importante, mas pode possibilitar que eles se apropriem de diferentes conhecimentos gerados pela sociedade. Não é simples selecionar o que ensinar, mas é preciso identificar quais conhecimentos poderão ser mais importantes para os alunos, para a sua inserção

social, pois eles têm o direito de aprender os conteúdos que lhes assegurem cidadania no convívio social, e sua aprendizagem deve superar os muros da escola.

Desse modo, o professor deve refletir sobre o tempo pedagógico, e se a escolha dos conteúdos é adequada, de forma a atender as necessidades dos alunos em relação à cidadania, convívio em sociedade, ou seja, formação de sua identidade. Além de desenvolver as capacidades e habilidades individuais e coletivas, considerando a faixa etária dos alunos com suas respectivas particularidades.

O currículo constrói identidades e subjetividades: junto com os conteúdos das disciplinas escolares; e também adquirem-se na escola percepções, disposições e valores que orientam os comportamentos e estruturam personalidades. (SANTOS E PARAÍSO, 1996, p.36).

Os conteúdos ou teorias científicas a serem ensinados, devem estar articulados com as funções e temáticas sociais, pois o aluno deve pensar sobre a sociedade, perceber-se como um ser participante da mesma, interagir para transformá-la e construir identidades pessoais e sociais. Para tanto, ações avaliativas adequadas são fundamentais.

A Avaliação Formativa ou processual investiga, reflete e diagnostica os processos de construção do conhecimento e neles intervém. Além da observação diária, outra ação avaliativa imprescindível é o registro escrito, pois através dele, o processo de diagnóstico e intervenção, se torna possível. Mas esse registro está longe de ser o registro arcaico e voltado apenas na quantificação de resultados em notas.

(...) Durante essa modalidade se organiza um dossiê – pasta individual – com o registro das aprendizagens significativas realizadas pelos alunos(as). Esses registros são constituídos de trabalhos, produções individuais e grupais de relatórios construídos coletivamente pelo grupo de educadores, dos educandos, pelos próprios pais e outros documentos que poderão ser analisados na trajetória do(a) aluno(a) na escola. (LOCH, apud, ESTEBAN, 2004, p.136.).

O registro escrito de informações mais qualitativas sobre o que os alunos estão aprendendo permite que os professores comparem os saberes alcançados em diferentes momentos da trajetória vivenciada; acompanhem coletivamente, de forma compartilhada, os progressos dos alunos com quem trabalham a cada ano.

De acordo com Leal, Albuquerque e Moraes, (2006), para delimitar o que registrar, no entanto, é fundamental, a partir de objetivos relevantes, definir as metas prioritárias e construir instrumentos de avaliação que permitam ao estudante evidenciar o que pensa sobre o que está sendo aprendido.

O trabalho dos coordenadores pedagógicos (assistentes pedagógicos, equipe técnica), também é auxiliado pelo registro escrito, já que esse procedimento possibilita que os mesmos conheçam o que vem sendo ensinado/aprendido pelos alunos e possam planejar e orientar os processos formativos dos professores. Permite ainda que, os alunos realizem auto avaliação, refletindo, sobre os próprios conhecimentos e sobre suas estratégias de aprendizagem, de modo que possam redefinir as formas de estudar e de se apropriar dos saberes, proporcionando aos mesmos, a sua autonomia.

O mais importante desse procedimento é o incentivo à participação ativa das famílias na vida escolar de seus filhos que, podem acompanhar sistematicamente os alunos, permitindo assim, que as mesmas possam dar sugestões à escola sobre como ajudar os estudantes a rediscutir suas próprias estratégias para auxiliá-los. As famílias podem assim, juntamente com a escola definir práticas e rotina de estudos para o aluno realizar em casa.

De acordo com Afonso (2004), a Avaliação Formativa, apesar de todas as suas vantagens, constitui-se de um processo trabalhoso, exigindo do professor grande energia, além de exigir disponibilidade de tempo que vai muito além do tempo das aulas, porque é necessário atualizar registros sobre cada aluno, é necessário elaborar estratégias adequadas e, com frequência, individualizadas, é fundamental planejar cotidianamente as atividades a realizar. Outro fator que dificulta esse processo, diz respeito à questão financeira, geralmente o professor necessita trabalhar em mais de um período, para complementar seu orçamento familiar, devido aos baixos salários da classe docente. No caso das professoras, elas ainda necessitam articular todas estas atividades, com as tarefas domésticas.

Finalmente, em termos de representação social, a Avaliação Formativa é muitas vezes percebida como uma modalidade de avaliação subjetiva – querendo, isto significar, para alguns, que ela é uma modalidade de avaliação menos rigorosa ou mais subjetiva a fatores não controláveis por parte dos diferentes atores escolares. (AFONSO, apud, ESTEBAN, 2004, p.93.).

Modificar esta visão social distorcida e errada sobre a Avaliação Formativa é ainda mais difícil, pois a ideologia que abraça formas de avaliação que valorizam apenas os resultados mensuráveis quantificáveis e supostamente mais objetivos, ainda está arraigada na grande maioria da comunidade escolar. Portanto, neste contexto, a Avaliação Formativa acaba perdendo força, porque o seu potencial pedagógico é

desvalorizado, tornando-se assim mais difícil aceitá-la como modalidade de avaliação legítima.

Mesmo com todas estas dificuldades, existem professores que praticam a Avaliação Formativa, porque estão comprometidos com uma escola que faça a diferença e com uma perspectiva emancipatória. Torna-se, necessário dar um novo sentido à opção pela Avaliação Formativa, colocando-a como um eixo articulador da escola pública democrática (enquanto projeto de cidadania do Estado democrático) e a comunidade (enquanto espaço constituído por relações de proximidade, participação, reciprocidade e solidariedade), e evitando assim, que a educação se torne ferramenta que incentive uma sociedade com princípios egoístas, competitivos e individualistas.

Uma questão muito importante sobre a Avaliação Formativa é que ela estabelece uma relação de extrema confiança e cumplicidade entre aluno e professor – o que exige da parte do professor a capacidade de fazer todas as articulações e pontes, com toda a equipe escolar, e com a comunidade em geral, constituindo-se num espaço de solidariedade, reciprocidade e emancipação.

Em Leal, Albuquerque e Morais (2006), é relevante ressaltar ainda, a importância da diversificação dos instrumentos avaliativos que, por sua vez, viabiliza um maior número e variedade de informações sobre o trabalho docente e sobre os percursos de aprendizagem, assim como uma possibilidade de reflexão acerca de como os conhecimentos estão sendo concebidos pelos alunos. Entender a lógica utilizada pelos alunos é um primeiro passo para saber como intervir e ajudá-los a se aproximar dos conceitos que devem ser apropriados por eles.

A diversificação da avaliação pode ser feita através de atividades como: anotações sobre as produções dos alunos; registros de observações ou produções; dossiê individual; relatórios descritivos do desempenho individual; auto avaliação do aluno, do grupo, da turma e dos educadores; reunião pais/ professores para análise do dossiê pela família; conselhos de classe, etapa/ciclos, participativo; assembleias avaliativas; reuniões pedagógicas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da presente pesquisa possibilitou uma análise sobre a Avaliação da Aprendizagem, traçando um comparativo entre a Avaliação Formativa e a Avaliação Formal ou Classificatória, esclarecendo os benefícios da Avaliação Formativa em relação à Avaliação Formal, tanto para o aluno, quanto para o professor, e ainda, para todo o processo ensino aprendizagem e a importância de sua prática em sala de aula.

Buscando responder se a Avaliação Formativa deve substituir a Avaliação Formal nas práticas educativas, foi realizada pesquisa bibliográfica, a partir de estudos de autores importantes, que investigaram sobre o tema, e ainda, análise documental de Legislação Educacional (LDB 9.394/96), e de documentos norteadores organizados pelo Ministério da Educação.

A Avaliação da Aprendizagem, ao longo dos tempos tem sido instrumento para medir o aluno, rotulando o mesmo como bom ou ruim, tornando a escola, palco de exclusão, ao invés de espaço de ensinar/aprender. Alunos com grande potencial, podem ser simplesmente “deixados de lado”, por conta de uma prática avaliativa classificatória e desmotivadora.

Nesta prática avaliativa somente o aluno é avaliado, levando sobre si, a culpa pelo seu fracasso escolar. O trabalho do professor não é sequer questionado. Não existe reflexão da prática pedagógica, o que demonstra a fragilidade deste tipo de Avaliação e conseqüentemente, desse tipo de educação.

Nesse contexto, surge a necessidade de um novo olhar sobre as práticas avaliativas, ou seja, sobre as práticas pedagógica, e sobre a educação, tendo em vista, a crescente necessidade de uma educação formadora de cidadãos críticos e atuantes na sociedade. Cidadãos capazes de utilizar o conhecimento para a transformação da sociedade.

A Avaliação Formativa entra em cena como uma importante ferramenta pedagógica em favor do conhecimento. Mesmo sendo tão importante, esse tipo de Avaliação ainda enfrenta obstáculos na efetivação de sua prática, pois é vista com descrédito por professores, profissionais da educação e famílias, além de ser trabalhosa, e demandar um tempo maior de trabalho em seu planejamento e execução.



Apesar disso, seus benefícios são superiores às suas desvantagens, pois a mesma é inerente à educação inovadora, à educação formadora integral do ser humano. Por sua característica contínua, ela acompanha o aluno durante todo o processo ensino e aprendizagem, bem como o professor, que também avalia suas próprias práticas pedagógicas.

O professor pode e deve fazer da Avaliação Formativa sua aliada, em seu cotidiano profissional, pois ela vai buscar o conhecimento prévio do aluno, que deve ser utilizado como ponto de partida no planejamento de seu trabalho com o mesmo. Auxilia o professor na seleção de conteúdos a serem trabalhados, apontando os mais importantes, dentro da realidade do aluno.

Uma importante questão sobre esse tipo de Avaliação é que ela permite ao aluno, que o mesmo possa se auto avaliar, refletindo sobre sua própria aprendizagem, sobre seus avanços e dificuldades a serem superadas.

Em suas etapas, monitoramento, avaliação sumativa e avaliação especializada, a Avaliação Formativa, diagnóstica, acompanha e sugere estratégias de ações individualizadas para os alunos. Ela possibilita intervenções prévias e processuais, com o objetivo de auxiliar o aluno, e não puni-lo com baixo rendimento ou reprovação.

Este tema é de relevância no contexto educacional, sendo que as discussões abordadas neste trabalho, apontam para novas pesquisas como por exemplo, a influência sociocultural e econômica no processo avaliativo, entre outros.

A prática da Avaliação Formativa é fundamental para o desenvolvimento do aluno nos dias atuais, pois, desse modo, ele reconhece que avaliar, não é tarefa somente do professor, mas ele mesmo, de forma autônoma, pode ser capaz de refletir sobre seus saberes e atitudes, vivenciando uma avaliação contínua e formativa da trajetória de sua própria aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

AFONSO, Almerinda. Janela. **Escola pública, comunidade e avaliação: Resgatando a Avaliação Formativa como instrumento de emancipação.** In: ESTEBAN, Maria Teresa

(org.). Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos. 5ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p 83 – 99.

AVELINO, Wagner Feitosa. Avaliação da educação básica e a formação do pedagogo.

**Ciência & Inovação**, v. 4, n. 1, 2019. Disponível em:

<[http://www.faculdadedeamericana.com.br/revista/index.php/Ciencia\\_Inovacao/article/view/336](http://www.faculdadedeamericana.com.br/revista/index.php/Ciencia_Inovacao/article/view/336)>. Acesso em 25 nov. 2020.

BATISTA, Antonio Augusto Gomes; SILVA, Ceris Salete Ribas da; BREGUNCI, Maria das Graças; VAL, Maria da Graça Ferreira da Costa; CASTANHEIRA, Maria Lúcia; MONTEIRO, Sara Mourão; FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Alfabetização e Letramento: Questões sobre Avaliação. **Pró-Letramento: Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental: alfabetização e linguagem**. ed. rev. e ampl. incluindo SAEB/ Prova Brasil matriz de referência/ Secretaria de Educação Básica – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Lei nº 9.394/1996**. Brasília 2017. Disponível em: <

[http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei\\_de\\_diretrizes\\_e\\_bases\\_1e\\_d.pdf](http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1e_d.pdf)>. Acesso em: 10 ago. 2018.

CARMO, Luciana Campos; LIMA, Gyzely Suely. Avaliação formativa: uma proposta pedagógica utilizando recursos tecnológicos no ensino-avaliação-aprendizagem de língua portuguesa. VII Encontro de Práticas Docentes do Curso de Licenciatura em Computação, p. 67, 2019. Disponível em: <[http://waltenomartins.com.br/epd\\_2019.pdf#page=70](http://waltenomartins.com.br/epd_2019.pdf#page=70)>.

Acesso em: 25 nov. 2020.

DEMO, Pedro. **A Nova LDB: Ranços e Avanços**. 19ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

FERREIRA, Andrea Tereza Brito; LEAL, Telma Ferraz. Avaliação na escola e ensino da língua portuguesa: introdução ao tema. Avaliação em língua portuguesa contribuições para a prática pedagógica. In: MARCUSCHI, Beth. SUASSUNA, Livia. (orgs.). **Avaliação em língua portuguesa: contribuições para a prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LEAL, Telma Ferraz; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; MORAIS, Artur Gomes de. **Avaliação e aprendizagem na escola: a prática pedagógica como eixo de reflexão. Ensino Fundamental de Nove Anos**. Orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Ministério da Educação. FNDE, Estação Gráfica. Brasília, 2006.

LOCH, Jussara Margareth de Paula. **Avaliação na escola cidadã**. In: ESTEBAN, Maria Teresa (org.). **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**. 5ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.p 129 - 142.

ROMÃO, José Eustáquio. **Avaliação Dialógica – Desafios e Perspectivas**. 6ª ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005.

SANTOS, Lucíola P.; PARAÍSO, Marlucy A. O currículo como campo de luta. **Presença Pedagógica**, n. 7, 1996. Disponível em: [http://www.editoradoprofessor.com.br/biblioteca.php?bibli=presenca\\_pedagogica](http://www.editoradoprofessor.com.br/biblioteca.php?bibli=presenca_pedagogica). Acesso em: 23 out. 2018.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação: concepção dialética libertadora do processo de avaliação escolar**. 4. ed. São Paulo, Libertad, 1993 (Cadernos Pedagógicos do Libertad, v. 3.)